

A NOVELA VERMELHA

# DÓR VITORIOSA

por  
JULIÃO  
QUINTINHA



N.º 10

LISBOA—FEVEREIRO DE 1922

Secção Editorial de A BATALHA



# DOR, VITORIOSA

POR

**Julião Quintinha**

A Novela Vermelha n.º 10

Shi

DOR VITORIOSA

FOR

Julião Quintinha

## Dor vitoriosa

Aquela hora, já dia alto, quasi não se percebia viv'alma no Rosal—fazia um silêncio de parque abandonado, silêncio tumular—ninguém diria que perto moravam loucos.

A Casa de Saúde do Rosal era fora da cidade, ao largo do bulfício; fôra erguida num ameno sitio, em casa rigorosamente adaptada ao generoso fim:—um Internato gratuito para os loucos da guerra.

Era, por assim dizer, monumento de piedade e amôr que uma alma despedaçada fizera erguer à memória amada de dois filhos—de dois filhos mortos.

O seu nome não importava—fôra muitas vezes milionário e poucas vezes feliz!... De família só aqueles dois filhos; veio a guerra e levou-lh'os—um por obrigação, porque era soldado; o outro, como voluntário—por louco heroismo. Ficou um na Flandres, esmagado por metralha, e o outro veio cair-lhe nos braços, cego e doido, cantando canções guerreiras, até que morreu numa tarde triste, sempre a cantar... e a rir...

O velho, não compreendendo tamanha desventura, e sem poder transpôr o triste deserto em que ficára a sua vida, não mais se levantou—deixou-se morrer, legando a sua fortuna para a monumental obra de que aproveitariam todos que na guerra tivessem enlouquecido.

Era assim—bem triste e simples—a história da Casa de Saúde do Rosal—uma casa modêlo, dirigida por um médico todo idealista que, em contacto com a humanidade, entristecera por tanta miséria e desventura.

Neste palácio de loucos havia ordem, método, serenidade que não se encontrava em muitos palácios de pessoas com juízo,—era maravilhoso o serviço interior, nos pequenos detalhes; e desde os jardins e parques, colgados de flores, até as alegres enfermarias, claras celas e

casas de recreio, em tôda a parte amorosa assistência despertava nos pobres loucos uma saudade da Vida e do Sol—uma alegria de viver que ajudava o renascimento da lucidez.

A entrada de doentes facilíma; sem as complicações mesquinhas dos inferiores estabelecimentos do Estado;—bastava provar que a loucura era consequente da guerra, e que o doente não era louco furioso, incurável, e pronto—tinha entrada imediata no Rosal.

Entre os doidos, quási todos pacíficos, alguns eram tam interessantes, duma tal intelligencia e lucidez, que nem pareciam doidos:

Havia um, velho coronel de artilharia, paralítico e sem braços—a quem o servente passeava todos os dias num carrito, pelo parque, com o peito coberto de cruces e condecorações—que, mesmo na inação física a que o mal o condenára, orgulhosamente gritava vozes de comando, vendo sempre o suposto inimigo nas fases da campanha, e reflectindo, no olhar de febre, a revolta dolorosa pela sua imobilidade.

Outra—uma velhota que embalava, eternamente, um boneco vestido de soldado, a que chamava o seu neto—abraçada ao farrapo, adormecia-o no colo, com cantigas lentas, como se embalasse um pequenito;—a pobresita era só no mundo, tinha-lhe ficado na guerra um neto de vinte anos, campónio ingénuo que não tinha mãe nem pai, e que com ela vivia num inocente amor.

Endoideceu a esperar o neto—a pobre criança que não voltara mais.

Mas de todos o mais curioso, era uma jóvem que fôra enfermeira na guerra—esta não vinha ao parque; dizia que era princesa da Hungria, e passava os dias rojando sedas nos corredores, ou ao piano tocando partituras húngaras... que ela mesmo compunha, dizendo que lh'as mandava o rei do seu país.

Era uma figura para estudo, emigrada de certas lendas, sombria, esquiva, mostrando de largo a sua sombra e chorando, ao piano, saudades da vida...

A música que fazia era estranha maravilha a que os próprios desequilíbrios aumentavam encanto—uma louca passional, esculturizada de sonho, endoidecida por amor,—dizia-se que ficára assim desde que assistira ao fuzilamento dum moço prisioneiro austriaco, acusado de espião, por quem se apaixonára.

A todos os doentes o velho alienista—o médico director—assistia com enorme carinho; e como era só no mun-

do, e como tinha uma grande piedade pelos desgraçados, fizera daqueles naufrágos — miseros destroços da Vida — uma família — a sua família no meio da qual vivia, orgulhosamente feliz, esquecido do mundo...

Naquele dia houve no Rosal extranho movimento: E' que devia ser entregue à família, curado, um dos primeiros loucos que entrara no Internato — um que fôra tenente de engenharia e oficial aviador — chamava-se João Vasco.

O director estava radiante pela cura, mas sentia tristeza em ver saír um doente a que se afeiçoára, em quem conhecia inteligência e coração.

O acto da entrega foi simples, teve emoção: A' hora marcada apresentou-se o pai e um amigo íntimo do doente — o único amigo que o visitára sempre — e assinaram o auto da entrega, abraçando-se sem palavras; ao partir, o tenente apertou, nervosamente, as mãos do médico, tentando beijar-lhas, agradecido; — alguns loucos vieram fazer a sua despedida, e oferecer flores...

Quando saíram, o silêncio do Rosal apenas quebrava pela música nostálgica — mais triste do que nunca — que ao piano fazia a *outra*, — aquela que era *imaginária* princesa da Hungria e que endoidecera de amor, por um espião...

Pelo caminho não trocaram palavra; o pai dir-se-ia que — esmagado entre a alegria de reaver o filho e uma fatalidade maior que o aguardava — desejava interminável o caminho...

Perto de casa, João como que acordado dum sonho, perguntou, espantado, ao seu amigo Rodrigo:

— Mas porque não veio minha mulher?!

— A tua mulher não podia vir... saberás o motivo...

Fez-se um grande silêncio e êle, então, lembrou que durante a sua doença ella só uma vez o fôra visitar; — mas porque não viria agora, porquê?!

O velho empalidecia de terrôr ao aproximar-se de casa; Rodrigo ganhava serenidade; e o que estivera louco, abstraído e triste, fazia contas, sem atinar, ao tempo que estivera fora do mundo, sepultado em vida...

Chegaram a casa: João teve um riso humilde, de sincera alegria, para velhas coisas suas conhecidas, mas sentiu o gêlo da recção — ninguém o esperava; a serva já era outra; só era igual, o mesmo, o cão que o reconheceu e, aos pulos e gritos, lhe lambia as mãos...

Mas que casa esta, que família a sua, onde — depois de dolorosa ausencia — só um cão o recebia e beijava?!

— Pai! — a minha mulher?!... Está doente, está morta?!... diga se morreu, pai!?

Rodrigo tomou o amigo pelo braço, levou-o, e perdeu-lhe serenidade.

Contou-lhe, com alguns rodeios, uma história complicada cujo resumo era isto: — A mulher do seu amigo, enquanto este se esbatia em loucura — não o compreendendo, nem possuindo espirito de sacrificio, não tendo alma para aninhar um grande amor feito só de esperanças — um dia abalou com um aventureiro vulgar...

Era preciso êle ser forte, encarar a vida no domínio da realidade — afinal casos como este haviam-nos aos milhares...; a serenidade e o tempo curavam as maiores feridas d'alma...

João quiz saber se não estaria ainda louco — se não seria tudo aquilo um triste sonho, — depois ficou-se num grande desalento, sem palavras...

Passaram-se dias, veio a calma aparente, mas êle, doentamente, procurava detalhes, soube por gente inferior como tinha sido tudo *aquilo* da sua mulher — da fuga, do escândalo — soube, até, que o bandalho que a levára era um dos seus amigos!...

Soube tristes coisas que torturavam, mas procurava saber mais, sempre mais para alimentar a sua Dor...

Dentro d'êle cresceram, rugiram temporais de vingança; — sentiu, antegozou o prazer de os procurar, de os matar aos poucos, estrangulando-os até se lhe romperem as mãos, e depois pizar a sua nojenta carne — mas êste delírio foi vencido pelo cansaço físico; êle tinha medo de tornar a enlouquecer... supunha-se um homem perdido, já o podiam escarnecer todos os bandalhos...

O pai, vendo sempre no filho um louco, fazia uma vida



à parte, de sombra; não trocavam palavra — havia tristeza e frio naquela casa, um frio que lhe fazia saudades do palácio dos loucos!

O que lhe valia era que Rodrigo, de tempos a tempos, vinha ter com êle e fumar cigarros; — conversavam sobre livros, literatura e arte, à cerca do movimento social, e em horas de disposição João expunha equilibrados planos de engenharia e fomento que, oportunamente, pensava apresentar; era assim que esqueciam torturas íntimas...

Rodrigo, professor e publicista, espírito moderno e avançado, desassombradamente criticava a sociedade burguesa cujo sistema político e económico condenava.

Era um homem superior, alheado de *coteries*, não pedindo licença a ninguém para ter opiniões; não era partidário de violências, mas tinha latente repugnância pelas mentiras e preconceitos em que envilecia a sociedade do seu tempo.

As desgraças do seu amigo amenisava-as com uma ternura de irmão, atribuindo todos os males à sociedade em que viviam e que era preciso destruir, — para que viesse a Bondade, a Justiça — para que na terra, ensopada de sangue, reflorisse a Verdade e o Amôr.

João, educado em falsos princípios, inda não concordava inteiramente — mas a sua tragédia, os males de que dava razão, descerravam-lhe a alma para as teorias do amigo; porém, o seu espírito ainda estava fraco e nos seus olhos apareciam, às vezes, rastros de loucura...

\* \* \*

Uma tarde, casualmente, assomou-se a um espelho e viu alguns cabelos brancos — lembrou-se dos anos que tinha, e só então reparou que estivera louco cinco anos!...

Começou de revolver lembranças e, num sobressalto, recordou-se que tivera um irmão...

Foi ao pai para que lhe dissesse onde estava o irmão, e porque o não tinha visto já!

O velho explicou-lhe, angustiado, que o irmão fugira para longe — não sabia, não tinha, notícias dêsse desgraçado...

— Mas desgraçado porquê—fugido porquê, pai?!...

— Envolvera-se em negócios escuros, ambiciosos negócios da guerra, levado por outros... nem com todos os bens do casal o podera salvar... coisas tristes...

E o pai—aproveitando a oportunidade—explicou-lhe, a medo, que êsse caso os deixára pobres, completamente arruinados—tudo comprometera, inutilmente, para salvar aquele desgraçado filho! Nada lhes restava—até cometera o êrro grave de dispôr da herança que, em partilhas da mãe, pertencera ao João...—uma desgraça... a desgraça que caíra sôbre a sua casa...

Não se exaltou—achou bem que tudo fizessem para salvar o irmão—mas no íntimo sofria, porque até o pai, dispondo dos seus bens, mostrára não ter contado com êle; supunham-no morto, ninguém cuidava que regressasse do mundo negro da Loucura—era um intruso na Vida...

Roubavam-lhe a mulher, infamavam-lhe o irmão, traziam-lhe a ruína—e sôb esses escombros, êle que sentia o alento agigantado de refazer uma nova vida, lutava ainda com o espectro da Loucura, e perguntava a si próprio—porque razão lhe fazia tanto mal uma sociedade a que êle dera tudo, desde o heroísmo da sua mocidade, até ao martirio da sua Dôr?!...

\* \* \*

Sentia-se cansado da doença, mas a miséria, com as suas deprimencias e ridiculos, despertou o seu orgulho. Compreendeu que era preciso trabalhar—iria trabalhar.

Tinha o seu curso de engenharia; afinal o período da doença tinha encerrado—sentiu que podia tentar uma grande obra em que vincasse nome e fortuna; recordou-se que tivera inteligência, orgulho e valentia.

Lançou-se ao estudo, escreveu cartas a velhos conhecidos, falou a políticos em evidência, procurou camaradas combatentes que o acolheram como um resuscitado;—havia de vencer, de tôda a parte lhe vinham esperanças.

Rodrigo animava-o, insistia, falava-lhe de projectos práticos e empresas a lançar, em que o seu curso de

electrotecnicia lhe marcava futuro; e João não esmorecia, trabalhava como um moiro, procurando contacto com problemas modernos e teorias esquecidas, — nem já se lembrava que estivera internado como louco!

Em verdade, as cartas que escrevia não tinham resposta prática; os amigos entretinham o tempo com promessas; as empresas achavam demasiado audaciosos os seus projectos — mas êle não desistia, continuava trabalhando, e Rodrigo animava-o a todos os instantes.

Um dia mandaram-no chamar dum Banco — tratava-se duma formidável empresa para o aproveitamento da hulha azul, com um largo plano industrial e agrícola. João enunciou ideas e encantou de tal modo a gente das finanças, que foi convidado, oficialmente, para fazer relatório, que não tardou em apresentar, e que foi recebido com agrado.

Correram semanas, meses — estranhava que nada lhe dissessem. Um dia recebeu uma carta delicada do Banco, desligando-o do projecto, com desculpas banais e um pequeno cheque em libras. . .

Ficou desalentadíssimo; foi ter com Rodrigo, a quem contou o insucesso, e, nesse mesmo dia, os dois souberam que o motivo da escusa do Banco fôra porque no boletim de informações pedidas viera, como chancela negra, a nota de que *"o engenheiro João Vasco, ex-tenente aviador, estivera internado num hospital de doidos, cinco anos"*.

Dos políticos a quem servira, dos amigos, dos camaradas, nem uma palavra; todos o olhavam com piedosa desconfiança; o único amigo que lhe conseguira, quasi, uma comissão no estrangeiro, confessou-lhe, numa franqueza cruel, que o facto de êle ter estado louco lhe criava dificuldades. . .

Era isto — todos o olhavam com a desconfiança com que se olha um inválido, um doido; eternamente a sua vida seria estrangulada por êste fantasma; não podia mais; negavam-lhe o direito à existência; teria que viver, como um réprobo, à margem da Vida. . .



Os dias passava-os, agora, abatido como um farrapo, no peor dos desalentos, sem reagir.

Rodrigo veio para o serenar — encontrou-o numa pe-

rigosa exaltação, gritando-lhe a revolta da sua dôr moral:

—Tinha-se oferecido, como voluntário, para ir para a guerra, quando muitos dos que tinham obrigação fugiam miseravelmente, e tinha deixado mulher, família, lar, e partira embebido em sonho...

Batera-se como *um homem*, e quando o perigo era menor na terra, disputara um lugar de aviador para que a loucura heróica que o embriagava roçasse pelas estrêlas!...

Não o impelira a ferocidade guerreira; a luta fratricida em que se dizimavam as raças entristecia o seu coração. Batera-se por galhardia, talvez por um preconceito elegante, certamente por orgulho moral, e ainda porque diziam que um império forte queria espesinhar a liberdade no mundo!

Batera-se e fôra ferido; estivera à morte; vira tombar em terra estranha soldados ainda imberbes, crianças que morriam sem saber porquê, e que antes de cerrar os olhos mandavam a última saúde ao seu amor.

E, enquanto êle e os outros se batiam, enquanto, humildemente, se esvaía em sangue uma mocidade em flor, parte dos que cá ficavam, sem respeito pelo sacrifício dos mortos, só cuidavam de enriquecer e folgar, envolvendo-se em negócios dum egoísmo acanalhado que transformara a terra numa estrumeira onde não podia desabrochar a perfumada flor do Ideal!

Lá fora corria o sangue da nossa raça; cá dentro, grosseiramente, corria o dinheiro de mão em mão, corrompendo uma sociedade que parecia ensandecer de ambição, que queria rebentar de gôzo, que queria morrer... sem atitude.

Os soldados que regressavam doentes, cegos ou mutilados, cruces de guerra na farda, flores de sangue no peito, eram aguardados friamente, sem uma lágrima, sem um beijo, sem uma flor! E se alguém os acolhia era por cumprimento officioso ou curiosidade teatral...

Êle fôra ferido e dos mais sacrificados; estivera à morte—mais triste do que a morte!—estivera cinco anos imerso em loucura!

E essa sociedade, por quem êle se batera, aproveitara a sua loucura para fazer de sua mulher uma rameira; para fazer de seu irmão um ladrão; para lhe trazer a vergonha, a ruína, quási a miséria!

E quando êle tentava erguer-se, sob destroços, para lançar uma nova vida, essa sociedade mesquinha, com des-

culpas mentirosas, completamente alheada da sua dor, dizia-lhe, desconfiada, que êle não podia trabalhar «*porque estivera numa casa de doidos!*»...

—Que cambada!... Que cambada!...

Estava decidido: nem mais um dia queria viver entre essa *malta*, e se êles—cafres que se diziam, com juízo—eram assim, então queria regressar, mas depressa, à casa dos doidos; iria ao Rozal pedir a esmola de o tomarem como servente—queria viver com os loucos!...

\* \* \*

Rodrigo não era um optimista, não o podia ser pelo seu temperamento triste e porque as suas intelligencias não cessavam, cronometricamente, todas as dez horas, de...

Rodrigo deixou-o desabafar, sem dizer palavra, e quando êle terminou, disse-lhe, serenamente, que tinha razão—era assim, há muito tempo, a sociedade que estava caindo a pedaços, aefixiada na sua própria podridão.

Os políticos desacreditados e enfraquecidos; os aristocratas mortos ou dormentes; a burguesia embrutecida e insaciável—e grandioso, e humano, e justo, apenas o febril protesto dos trabalhadores que, com o seu grito vermelho, faziam estremecer a terra, clamando a sua fome de pão e alegria!

Já não eram só os trabalhadores dos campos, do mar e das oficinas—eram artistas e intellectuais, homens de sciência e sensibilidade, onde ecoava êsse protesto, reboante em todo o mundo.

Numa sociedade destas tinha sido possível o *caso* do João, mas era preciso dar-lhe remédio com intelligência, com vontade... porque a Alba, por todos ansiada, ainda podia tardar...

Os homens só eram grandes quando sabiam resistir à Dor!

O triunfo duma Idea carecia de muitas vidas, do labutar de muitos séculos, e tinha por teatro o mundo.

A Dôr era, ainda, a melhor têmpera das grandes almas!!

O caso do seu amigo havia de resolver-se sem renúncias—mas que êle não tornasse a pensar no regresso ao convívio dos loucos; embora sofrendo, precisava viver; o mundo era bastante largo para que nêle coubesse todo o orgulho dum homem!

Longe ou perto, havia trabalho para os homens, ha-

viam mulheres para amar, valia a pena lutar-se pela Vida e pela Liberdade—era belo viver e ser livre!

Preciso era que o João serenasse, e breve pensariam em detalhes.

Nesse dia a conversa esmoreceu triste, entre dois tristes cigarros...



Rodrigo não era um optimista, não o podia ser, pelo seu temperamento triste e porque na sua intelligência fina ecoavam, cronométricamente, tôdas as desgraças humanas turvando-lhe a alegria do viver. A sociedade do seu tempo era demasiado iníquia e vil, para que êle se enamorasse da Vida, confiado e contente.

O mal alastrava no Mundo como uma grande nódoa; a dúvida era o refúgio dos grandes filósofos ou pensadores; a Dôr era a única verdade para os sonhadores, para os artistas!

Confiar na hora presente seria o mesmo que pretender um grande amor, em ninho de serpentes...

Mas se Rodrigo assim pensava, porque, então, animava o seu amigo, fazendo-lhe despertar uma grande esperança, falando-lhe na vitória do Amor e do Trabalho?!

É que se tratava de salvar um amigo que estava louco: entregá-lo ao pessimismo da Realidade era a tarefa mais fácil, mas seria desumano—porque era entregá-lo à inacção que o reconduziria à loucura e à morte.

Independentemente desta razão—apesar de todos os pessimismos que torturavam a humanidade—dizer aos trabalhadores que renunciassem à esperança de melhores dias, gritar-lhes a inutilidade do amor e do trabalho em face da irremediável fatalidade, seria o mesmo que rasgar a porção de sonho que os embriaga e impele para a luta—para a luta e para a conquista do seu lugar no amanhã da Vida.

A Dôr era a única verdade indiscutível; a Vida um grande mal! ..

Mas se a humanidade renunciasse a tódo o esforço e se, vencida pelo desânimo, immobilizasse a sua acção, cerrando a alma ao sonho, negando o seu corpo à vida, em breve

essa humanidade seria o mais mísero dos cadáveres a rolar na Orbe, sob o império do Nada!...

Era preciso viver e lutar as grandes lutas dos ideais, para que ao mundo viesse a Justiça, o Amor e a Liberdade!

Era preciso viver e lutar, levando no pensamento a fôrça da razão, levando na alma uma grande esperança, levando nos olhos a deslumbrante flor do nosso orgulho.

Porisso Rodrigo lutava; por isso ajudava e impelia o seu amigo para o trabalho, apontando-lhe todo um grande Mundo onde sempre haveria lugar para um homem...

\* \* \*

Um dia, numa grande simplicidade, o João embarcou para Inglaterra, contratado por uma casa construtora de máquinas.

Passaram tempos—días, meses, anos. Certa manhã o correio trouxe uma carta da América, para Rodrigo: era do João e dizia assim:

*«Querido amigo: Só agora te escrevo porque não tive mais cedo que te contar.*

*Sabes: Sou feliz, digo-te em segredo, porque tenho medo que alguém mais o saiba; não sou rico, mas pelo trabalho possuo o que preciso, e ainda me sobra.*

*Tenho uma mulher que adoro, uma pobre rapariga do povo que me entregou o seu lindo corpo, a sua grande alma, e encheu a minha vida dum grande amor—um filho que me deu.*

*Agora já não tenho medo de tornar à endoidecer—mas tenho saudades de ti, da nossa terra!*

*Não esqueço, um momento, que a felicidade que gozo não é inteiramente minha: tu é que m'a deste, com o teu conselho, com a tua alma forte, com o teu grande amor fraterno que me orgulha.*

*Não sei quando nos veremos; entretanto, peço-te um favor: vai ao Rozal levar saudades minhas!—Adeus.»*

Rodrigo limpou duas lágrimas e, cheio duma alegria colegial, desvincando o rosto sombrio, foi correndo, com uma ternura enorme, levar aquelas saudades ao Rozal...

FIM

este pensamento seria o mais misterioso dos cadáveres a  
 tolar na Orde, sob o império do Nihil...  
 Era preciso viver e lutar, levando na alma uma grande certeza,  
 para que ao mundo viesse a justiça, a Amor e a Liberdade.  
 Era preciso viver e lutar, levando no pensamento a  
 força da razão, levando na alma uma grande certeza,  
 levando nos olhos a deslumbrante luz do nosso orgulho.  
 Por isso Rodrigo lutava; por isso agitava e impelia o  
 seu amigo para o trabalho, apontando-lhe todo um tran-  
 de Mundo onde sempre haveria lugar para um homem.

\*\*\*

Um dia, numa grande solidão, a João Rodrigues  
 passava alguns dias, triste e solitário, em  
 alguma casa construída no  
 meio das montanhas.  
 Passavam tempos - dias, meses, anos. Certo manhã  
 chegou a uma grande cidade da América, para Rodrigo era  
 do lado e do lado assim.

Quando amigos de João Rodrigues  
 mais cedo que a grande  
 saber: Sou filho de um grande povoamento e não  
 que alguns dias a lutar; não sou mais, mas sou trabalhador.  
 E a vida não é mais a mesma, e a vida me sobra.  
 Tanto mais minha existência, uma vida inteira de  
 para que me entregue a sua vida inteira e sua grande  
 alma, a vida e a alma de um grande amor - em filho  
 que me deu.

Agora já não tenho mais de lutar e trabalhar - mas  
 tenho a certeza de que a minha vida é  
 Não esqueço, um momento, que a felicidade que gozo  
 não é inteiramente minha: há que me dividir com o seu  
 coração, com o seu alma, com o seu grande amor  
 fraternal que me sustenta.  
 Não sei quando nos veremos; certamente, não sei  
 quando vou de volta para aquelas montanhas - lá.

Rodrigo tinha duas histórias e, em cada uma delas  
 colossais, desenvolvendo o mesmo espírito, foi cortando, com  
 uma ferocidade enorme, levar aquelas palavras ao Brasil.





COM O PRESENTE TRABALHO  
TERMINA A PRIMEIRA SÉRIE DE  
DEZ NÚMEROS DA **NOVELA  
VERMELHA**. A SEGUNDA SÉ-  
RIE INICIAR-SE HÁ, SOB UM AS-  
PECTO MATERIAL INTEIRAMENTE  
DIVERSO E MELHORADO, NO DIA  
**1.º DE MAIO.**

COM O PRESENTE TRABALHO  
TERMINA A PRIMEIRA SÉRIE DE  
DEZ NÚMEROS DA NOVELA  
VERMELHA. A SEGUNDA SÉ-  
RIE INICIAR-SE HÁ, SOB UM AS-  
PECTO MATERIAL INTERRAMENTE  
DIVERSO E MELHORADO, NO DIA  
1.º DE MAIO.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT  
5712 S. UNIVERSITY AVE. CHICAGO, ILL. 60637



# A NOVELA VERMELHA

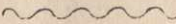


Primeira serie:

- N.º 1 **A Expição** *por Manuel Ribeiro.*
- N.º 2 **Sangue Fidalgo** *por Nogueira de Brito.*
- N.º 3 **Hugo, o pintor** *por Mário Domingues.*
- N.º 4 **Dois Tiros** *por Sobral de Campos.*
- N.º 5 **Impossivel redenção** *por A. Machado.*
- N.º 6 **A Escola Nun'Alvares** *por Cristiano Lima.*
- N.º 7 **Anastácio José** *por Mário Domingues.*
- N.º 8 **A Sciência redentora** *por José Benedy.*
- N.º 9 **O mestre geral** *por Jesus Peixoto.*
- N.º 10 **Dor vitoriosa** *por Julião Quintinha.*

---

**Colaboradores:** Manuel Ribeiro, Aquilino Ribeiro, Nogueira de Brito, Mário Domingues, Sobral de Campos, Augusto Machado, Perfeito de Carvalho, Julião Quintinha, Jesus Peixoto, Gonçalves Correia, Cristiano Lima, etc.



**PREÇO: \$25 CENTAVOS**

**Série de 10 números: 2\$50**

Shi